


MEDIAÇÕES

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

 10.5433/2176-6665.2025v30e52047p1

PARECER 1


Simone de Oliveira Mestre 
Universidade Federal de São Carlos
(PPGPE/UFSCar, São Carlos, SP, Brasil)
simonemestre@ufscar.br

Dados do artigo avaliado:

COELHO, Camila T.; BUSS-HEIDEMANN, Ivonete T. Schülter; RODRIGUES, Luciana. Refletindo sobre as experiências de mulheres negras que atuam como cuidadoras no contexto domiciliar. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 30, p. 1-16, 2025. DOI: 10.5433/2176-6665.2025v30e52047. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/52047>. Acesso em: 05 jul. 2025.

Correspondência com as autorias:

Camila Trindade Coelho 
Universidade Federal de Santa Catarina
(PEN/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)
trielho_camilla@hotmail.com

Ivonete Teresinha Schülter Buss Heidemann 
Universidade Federal de Santa Catarina
(PEN/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)
ivoneteheideman@gmail.com

Luciana Rodrigues 
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(PPGPSI/UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil).
lurodrigues.psico@gmail.com

Completo em: 2025-02-16 04:32 PM

Recomendação: Correções obrigatórias

1. O assunto tratado no artigo é relevante para as Ciências Sociais?

Sim.

2. O artigo é redigido de forma clara e consistente?

Parcialmente. [cf. documento abaixo]

3. Há uma introdução na qual sejam apresentados claramente o objetivo e a justificativa do trabalho?

Sim.

4. O trabalho apresenta contribuições teóricas inovadoras?

Parcialmente.

5. O trabalho apresenta contribuições empíricas ou metodológicas inovadoras?

Parcialmente.

6. As interpretações e conclusões estão demonstradas (de forma clara e satisfatória?)

Parcialmente.

7. O resumo e as palavras-chave expressam bem o artigo?

Sim.

8. Há necessidade de modificação para tornar o artigo mais adequado à publicação?

(Se houver, explicita-as no quadro abaixo, expondo as razões para tanto. Pedimos que, caso julgue que o artigo precisa de correções, leve em consideração em sua decisão que Mediações não publica artigos cujas versões finais contem com mais de 66.000 caracteres com espaços.)

Sim. Coloquei as modificações que devem ser realizadas e sugestões para melhorar a qualidade do artigo.

9. Parecer quanto à publicação do artigo:

☐ Aceitar

☒ **Aceitar desde que observadas as correções obrigatórias**

☐ Rejeitar

10. Caso a decisão seja por correções obrigatórias, você deseja revisar a versão corrigida?

☒ **Sim**

☐ **Não**

11. Mediações incentiva e faculta a pareceristas a atuação segundo os princípios da avaliação informada (Ciência Aberta, SciELO, etc), que prevê, entre outras coisas, o diálogo entre autorias e pareceristas identificadas. Você deseja que esta avaliação seja aberta à(s) autoria(s) ainda no curso da avaliação, quando do primeiro envio dos pareceres?

☒ **Sim**

☐ **Não**

12. Você deseja ter seu nome publicizado como parecerista ao final do texto do artigo, caso o artigo venha a ser aprovado e publicado?

☒ **Sim**

☐ **Não**

13. Os pareceres constituem um novo tipo de literatura na metodologia SciELO e recebem tratamento similar aos artigos de pesquisa. Você autoriza *Mediações* a disponibilizar o texto ou trechos do texto de seu parecer?

☒ **Sim**

☐ **Não**

Refletindo sobre as experiências de mulheres negras que atuam como cuidadoras no contexto domiciliar

[Parecer 1: Trechos do documento com revisões inserido no sistema e disponibilizado às autorias]

Introdução

As cuidadoras familiares são parentes próximos, como cônjuges, irmãs/os, sobrinhas/os ou netas/os. Estudos feministas, como os de Angela Davis (2016) e Patricia Hill Collins (2019), apontam que as mulheres negras estão desfavorecidas frente aos homens e mulheres brancas, atravessadas por condicionantes de classe social, objetificação de seus corpos e subserviência em suas relações. Ademais, a literatura, como Barahona e Díaz (2005), revela que essas cuidadoras frequentemente realizam suas funções enquanto mantêm outros empregos ou responsabilidades. (...) Essa carga não se limita à gestão dos afazeres domésticos, mas também inclui a administração das necessidades específicas do familiar adoecido, como alimentação, higiene e medicação (XXXX, XXXX).

(...)

Esse sistema perpetua a ideia de que o cuidado é uma responsabilidade feminina que não deve ser compensada economicamente, impactando as escolhas de vida e a performance de gênero. A pressão para assumir o cuidado não remunerado pode levar a um desequilíbrio significativo entre as responsabilidades de cuidado e outras atividades, prejudicando a capacidade das mulheres de manter um equilíbrio entre vida profissional e pessoal (Esteves; Bitu; Gurgel, 2021; XXXX, XXXX).

(...)

A interseccionalidade visa desafiar essas opressões múltiplas e interligadas, promovendo uma abordagem que reconheça essas intersecções de forma integrada. Assim, refletir sobre as experiências das mulheres negras cuidadoras familiares, especialmente no contexto domiciliar, sugere que seus corpos e o cuidado prestado por elas é perpassado e direcionado pelas múltiplas camadas de opressão que enfrentam.

(...)

Comentado [A1]: Se você está falando de cuidadoras no feminino, não faz muito sentido, citar o parentesco em masculino.

Comentado [A2]: Esta frase não faz muito sentido. Necessário reformulação.

Comentado [A3]: Essas mulheres não cuidam de outras mulheres, somente de homens?

Comentado [A4]: Recomendo as seguintes leituras para melhor embasamento acadêmico:

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. *Sur Rev Int Direitos Human*, v. 13, p. 53-64, 2016.

FRASER, Nancy; DE SOUSA FILHO, José Ivan Rodrigues. Contradições entre capital e cuidado. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 27, n. 53, p. 261-288, 2020.

Comentado [A5]: Em qual aspecto/de que forma a interseccionalidade desafia as opressões? Como um aspecto metodológico-prático ou como um aspecto metodológico-interpretativo? Poderia fornecer mais exemplos, inclusive exemplos do contexto no qual a pesquisa foi realizada?

No entanto, a naturalização do trabalho de cuidado, frequentemente associado às mulheres, é visto como um ato voluntário e de abnegação que resulta na invisibilidade das cuidadoras. Essa invisibilidade impacta o processo saúde-doença, levando-as a condições de saúde mental e físicas fragilizadas, assim, é fundamental que as cuidadoras sejam integradas à totalidade do cuidado oferecido pelos serviços de saúde. Isso nos leva a refletir se o racismo estrutural e o sexismo são fatores que contribuem para essa situação, surge o questionamento porque as principais responsáveis pelo cuidado familiar não são consideradas prioridades nas estratégias de integralidade do cuidado. É nesse caminho que o diálogo com o conceito de interseccionalidade contribuirá para nossa análise reflexiva desta problemática.

(...)

Esta investigação se caracteriza como um estudo qualitativo focado em mulheres negras cuidadoras familiares que, no período de realização da pesquisa, se encontravam exercendo o cuidado a um familiar adoecido em casa, vinculadas ao Serviço de Atenção Domiciliar do Hospital Escola da UFPel-EBSERH, integrado ao programa de saúde pública "Melhor em Casa". Participaram do estudo três mulheres negras: duas com 67 anos e uma com 34 anos, sendo duas com pele clara e uma de pele retinta.

Para a interação com as cuidadoras, foi utilizada a abordagem da conversação, inspirada nas contribuições que bell hooks¹ (2020) nos oferta em seu trabalho no campo da educação. Como propõe hooks (2020), a conversação é um método de diálogo horizontal e democrático que permitiu, XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX trocarem compreensões e significados, compartilhando informações sobre as experiências de cuidado investigadas.

Para a realização da pesquisa, ocorreram três encontros, gravados em áudio e com duração aproximada de uma hora e meia cada, nos lares das próprias cuidadoras.

Comentado [A6]: Na minha leitura, racismo estrutural é quase um termo redundante. Todo racismo acontece em uma estrutura, assim como o sexismo. No lugar de falar racismo estrutural, convido conhecer/utilizar o conceito de "dispositivo da racialidade" de Sueli Carneiro.

Comentado [A7]: Quais os critérios para convidar essas três mulheres para participar da pesquisa, além do vínculo Serviço de Atenção Domiciliar? Quantas mulheres são cuidadoras vinculadas ao serviço atualmente?

Comentado [A8]: Poderia contextualizar melhor qual é essa abordagem de conversação? De qual capítulo do livro "Ensinando a transgredir inspiração"? Pois conheço o livro e não recorro dessa proposta da autora.

Comentado [A9]: Qual o período e onde os encontros foram realizados? Os encontros foram presenciais ou onlines?

¹ O nome de bell hooks será utilizado em letra minúscula. A autora surge com essa prática, através da criação de seu nome e em homenagem à sua avó, e o coloca em letra minúscula como uma posição política que procura romper com as convenções acadêmicas e linguísticas, focalizando o seu trabalho e não sua pessoa (FURQUIM, 2019). Este estudo respeita a escolha da autora.

Esses encontros, denominados "visitas-conversa  o", foram iniciados com palavras disparadoras baseadas em temas propostos XXXX XXXX. Os dois primeiros encontros abordaram questões de g  nero e raça, enquanto o terceiro focou em classe social.

A análise dos dados foi realizada por meio da metodologia da análise episódica (Kilomba, 2019), que permite identificar como o racismo se manifesta e se configura nas cenas do cotidiano. As conversas foram transcritas e organizadas em episódios, destacando os principais t  picos com o auxílio do software Etnograph, que foi codificado utilizando as palavras-chave "g  nero", "classe" e "raça".

(...)

Em conformidade com as Resoluções n.   466/2012, 510/2016 e 580/2018, do Conselho Nacional de Saúde, o anonimato das participantes foi mantido, e seus nomes foram substituídos por nomes de mulheres negras destacadas entre intelectuais, artistas e personalidades escolhidas por elas. Os familiares adoecidos foram identificados como José (o marido de Dona Maju, pai de Michele Obama), Henrique (filho de Dona Maju e irmão de Michele Obama) e Mário (irmão de Conceição Evaristo).

(...)

Seus legados, muitas vezes silenciados ou negligenciados, são a base sobre a qual construímos nosso entendimento e progresso. Deste modo, seguem os resultados caracterizados e discutidos a seguir.

(...)

O paciente Mário, irmão de Conceição Evaristo, tem 63 anos; e o José, esposo da Dona Maju Coutinho e pai da Michele Obama, tem 73. Quando conversamos acerca das prática(...)'s de cuidados, organização e rotina, Conceição Evaristo relatou:

Conceição Evaristo: *Um dia eu vim cansada, "ah porque não sei o que, teu p   t   assado", "sim, quem é que vai cuidar? Eu, vocês tão sabendo que a criatura t   l  , e sou eu que t   correndo pra ele", "ah porque eu não posso ir porque não sei o quê, pra dar os remédios..."*.

Comentado [A10]: Quais palavras?

Comentado [A11]: A análise de episódio de Kilomba não é uma metodologia. É uma forma de abordagem que a autora demonstra para suas /seus leitores com o racismo se manifesta.

Comentado [A12]: Não seria contraditório analisar "episódios" que envolvem narrativas de mulheres sobre por meio de palavras chaves? Principalmente quando sabemos que tanto o racismo, quanto o machismo e o classismo se manifestam muitas vezes de forma velada?

Comentado [A13]: Como foi feita essa escolha? As participantes da pesquisa escolheram os nomes de forma espontânea ou vocês apresentaram uma opções?

Comentado [A14]: Progresso é uma palavra que remete ao positivismo científico e t  mb  m aos discursos nacionalista. Seria mesmo essa palavra mais adequada?

Comentado [A15]: É importante caracterizar o quadro médico de Mário, José e Henrique, pois essa informação fornecer a pessoa que ler o trabalho entender melhor quais são os tipos de cuidado que eles demandam. Pois cada "receptor de cuidador" terá sua especificidade. Por exemplo, o quadro médico de uma pessoa com uma doença terminal é totalmente diferente de uma pessoa tetraplégica, ambas demandaram cuidados diferentes.

Não houve suporte de sua irmã neste momento e Conceição relata que teve auxílio da enfermagem na internação, e que seria importante somente acompanhar Seu Mário no hospital, dividindo a rotina de acompanhantes. Ela gostaria de um suporte para não haver tanta sobrecarga e exaustão somente para ela. Diferente de Conceição Evaristo, Dona Maju e Michele Obama se apoiam no cuidado com seu José, dividindo as tarefas.

Como aborda Baptista *et al.* (2012), por diversas vezes os cuidadores não se sentem preparados para executar as atividades de cuidar. Essa decisão engloba a família, que influencia nessa situação, que em momentos impõe a função para um único familiar que esteja disponível ou apto para isso. De acordo com as falas expostas aqui, identificam-se as pluralidades nas experiências e na construção da família e rede que englobam as cuidadoras. Dona Maju e Michele Obama, mãe e filha, são mulheres conectadas pela dor, amor e cumplicidade, mesmo em meio às suas diferenças. Em oposição, Conceição Evaristo exerce o cuidado em um lugar de solidão, de ausências, de omissão e afeto para ser e estar ao lado dessa mulher cuidadora familiar. São histórias que se cruzam, dentro das suas intersecções e peculiaridades. Diante disso, pensando com Akotirene (2018), a interseccionalidade permite analisar essas estruturas e interações identitárias a partir de uma matriz colonial moderna que se apresenta nas relações – atreladas às dinâmicas expostas nessas falas das mulheres negras cuidadoras familiares.

Dados atuais (Brasil, 2017) expõem as dificuldades de ascensão social das mulheres e da população negra em geral, dentro de uma estrutura masculina dominante e que favorece pessoas brancas. Como apresentado na Política Nacional de Saúde da População Negra de 2017 (Brasil, 2017), a desigualdade de raça é estruturante na manutenção da desigualdade social brasileira.

(...)

Os diálogos apresentados nas conversações ilustram a análise de Patricia Hill Collins (2016) sobre como foi imposto às mulheres negras o papel de cuidadoras em um contexto de construção social patriarcal e racista. Mesmo quando não estão preparadas

Comentado [A16]: O relato dela não é bem contextualizado. Quando ela fala "você está sabendo que a criatura tá lá". De quem ela fala? Do irmão ou da irmã? Ficou confuso.

Comentado [A17]: Concordo com a colocação de Batista. Mas qual este parágrafo não se conecta com o outro. No anterior vocês falam sobre a sobrecarga de cuidado da Conceição e a rede de Maju e Michele e neste começam a problematizar que elas não se sentem preparadas. Em qual sentido seria essa não preparação das participantes da pesquisa? Nos termos físicos, médicos, psicológicos, sociais ou outros?

Comentado [A18]: Este trecho precisa de maior coerência e descrição dessas intersecções e peculiaridades. Ficou muito superficial.

Comentado [A19]: Se esses "dados atuais" se referem a Política Nacional de Saúde da População Negra de 2017 não faz sentido ela ser citado posteriormente, vocês já podem citar deste de início da origem destes dados. Ademais é importante citar página.

Comentado [A20]: É generalizante fazer essa afirmação. Considerando que até aqui os trechos das conversas foram trabalhados de forma incipiente.

para cuidar, essa imposição reflete uma questão que compõe a subjetividade da mulher negra: um papel politicamente construído, no qual ela cuida dos outros, mas não cuida de si (Collins, 2016).

(...)

Dona Maju: *Olha, ele não me deixa parar desde que eu me levanto de manhã. Me levanto de manhã seis e meia, dou medicamento, dou a vitamina e depois às oito horas tem mais medicamento pra dar, eu dou e digo agora... E aí eu fico mais tarde na cama e quando nem bem eu me levanto, parece que ele tá dormindo, nem bem eu me levanto e em seguida ele já se levanta. Não tenho pausa nem pra tomar meu café, porque aí eu já atendi ele, dei até alimento pra ele de manhã, mas não, quando eu me levanto ele se levanta e aí eu tenho que aquecer leite, tenho que fazer coisa diferente pro café pra ele, botar tudo em cima da mesa pra ele.*

(...)

O modo capitalista de existência na sociedade brasileira, ao reafirmar o status quo sob uma perspectiva interseccional, é evidenciado por institutos de pesquisa que demonstram a desigualdade no acesso às políticas públicas. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2014) aponta que as mulheres negras ocupam posições de trabalho com baixa qualificação formal, enfrentando condições precárias e desvalorização. No Brasil, 57,6% das empregadas domésticas são negras.

Embora tenha havido uma redução na ocupação de mulheres nessa função – de 17% em 1995 para 14,6% em 2018 –, essa média esconde um aumento no índice entre mulheres negras, que chega a 18,6%, em comparação a 10% entre mulheres brancas. A intersecção entre gênero e raça é crucial para compreender a violência letal contra mulheres no Brasil, com dados de 2016 indicando que a taxa de homicídios entre mulheres negras é 71% maior do que entre as não negras (Ipea, 2021).

Em 2018, o trabalho doméstico foi realizado por cerca de 6,2 milhões de pessoas, das quais 5,7 milhões (92%) eram mulheres. Dentre essas, 3,9 milhões eram negras (Bond, 2019). Esses dados evidenciam as desigualdades e opressões, revelando a posição das cuidadoras, mulheres negras que desempenham tarefas sociais impostas pela branquitude burguesa. Dados de 2023 relatam que 75% das mulheres são

Comentado [A21]: É interessante observar criticamente como neste trecho a Dona Maju normaliza a lógica patriarcal da "mulher cuidadora" ao mesmo tempo que relata sua sobrecarga. Falta por parte de vocês refletirem com maior profundidade estas falas. Pois no parágrafo seguinte vocês simplesmente descrevem e comparam, não interpretam.

Comentado [A22]: Não seria um pouco redundante?

responsáveis pelo cuidado, sendo um trabalho não remunerado, e elas dedicam até 25 horas semanais às tarefas domésticas, enquanto homens apenas 11 horas mesmo estudando e/ou trabalhando (Epker; Almeida, 2023).

De acordo com a pesquisa da Think Olga, 22% das mulheres estão sobrecarregadas com as tarefas domésticas. Os cuidados são predominantemente assumidos por mulheres entre 36 e 55 anos, com 57% delas cuidando de alguém, e por mulheres pretas e pardas, que representam 50% desse cuidado (Laboratório Think Olga, 2020). Essa dinâmica reflete práticas de cuidado que têm raízes no período da escravidão.

(...)

Para isso, utilizamos a interseccionalidade como ferramenta de análise para compreender os elementos das experiências de não ser cuidada, revelando as implicações estruturais das camadas opressoras na sociedade. Essa abordagem nos permite explorar como diferentes fatores atravessam o corpo e as vivências dessas mulheres. Ao focar especificamente no racismo, no patriarcalismo, na opressão de classe e em outros sistemas discriminatórios, observamos como esses fatores se entrelaçam, estruturando desigualdades e definindo as posições relativas de mulheres, raças, etnias e classes sociais (Crenshaw, 2004).

Comentado [A23]: Sugestão: Essa parte faria mais sentido se vocês apresentassem no início do artigo, pois se trata de conjunto de dados em uma perspectiva macro brasileira, enquanto os dados das participantes e da pesquisa de vocês representam como esses dados são expressos em uma perspectiva micro.

Comentado [A24]: Acho que aqui merece uma autocrítica. Vocês não mencionam questões de classe e outros sistemas discriminatórios. Até mesmo como a questão racial impacta na vida dessas mulheres foi tratada com pouca profundidade.